

DANIELA FRANCESCHINI

35 ANOS



APARTAMENTO LAPA



LISBOA

BRANCO mais branco não havia. Quando a *penthouse* na Lapa chegou às mãos de Daniela Franceschini, era uma arca congeladora. “Tudo era branco laminado, não havia materiais nobres. Uma casa de luxo acabada de reabilitar, mas sem alma nenhuma”, conta a designer de interiores de origem espanhola, a viver há cinco anos em Lisboa.

A lareira branca em pladur, “que até dava ideia de que era pré-fabricada”, foi das primeiras coisas a levar uma volta. Neste caso literal, porque passou a estar inclinada, com uma base de pedra e uma prateleira que serve para pousar objetos e ao mesmo tempo ter a lenha à vista. “A casa era tão reta que senti necessidade de introduzir alguns elementos irregulares ou redondos”, diz Daniela, apontando também para os interruptores e as tomadas esféricas que escolheu, desenhados por Siza Vieira para a Efel. Mesmo apagada, esta é agora uma lareira quente – como, aliás, toda a casa.

Falar do estilo da fundadora do Quiet Studios é falar de atenção aos detalhes e às texturas, com uma predileção por materiais naturais, artesanato e peças feitas à medida. Cada projeto de interiores que aceita no seu estúdio – e que pode ir desde a arquitetura à identidade gráfica, ou envolver apenas a decoração – tem uma caixa própria, com amostras de todos os materiais que foram usados lá dentro. No caso do apartamento na Lapa, como acontece sempre, foi preciso encontrar uma caixa espaçosa, que incluísse desde o tom de cal escolhido para as paredes aos azulejos manuais da cozinha, passando pelo tapete que primeiro até foi para trás, para voltar com mais centímetros de espessura.

Para a designer de interiores, é tudo uma questão de equilíbrio. Em primeiro lugar, equilíbrio nas escolhas: “Chamo-lhe a regra dos três materiais principais. Nesta cozinha foram o carvalho, os azulejos marroquinos de terracota e o microcimento”, exemplifica perante a bonita ilha que se assume como o centro da zona social em *open space*. “Se quisesse introduzir, por exemplo, uma pedra na bancada – um quarto material principal –, já seria demais.”

Em segundo lugar, há também um equilíbrio nas inspirações que segue. “Procuro sempre um estilo intemporal, juntando-lhe qualquer coisa que é tendência no momento. Também gosto de misturar peças



PARA DANIELA FRANCESCHINI, NÃO É PRECISO CASAR TODAS AS MADEIRAS, COMO PROVA A MESA DE JANTAR EM NOGUEIRA, COLOCADA JUNTO À ILHA DA COZINHA, EM CARVALHO.



NO QUARTO PRINCIPAL, A CAMA DE INSPIRAÇÃO JAPONESA FOI DESENHADA PELO QUIET STUDIOS. A ALCATIFA DE LÃ É DA MARCA SUECA CAPPELEN DIMYR E AS MESAS DE CABECEIRA SÃO DA PORTUGUESA FURTHER THER.



com um desenho contemporâneo e outras antigas. Não pode ter sido tudo desenhado agora. Uma *patine* é uma *patine*”, diz Daniela, que trabalha em estreita colaboração com a Barracuda Interiors para a aquisição de objetos com história – como, por exemplo, o candeeiro de pé de carvalho que se destaca na sala de estar, ou a escultura de madeira.

Com um terraço com vista para o rio, no apartamento da Lapa brilha também a sua predileção por peças artesanais, feitas à mão. É o caso dos apliques de cerâmica e dos vasos de Marta Raimundo – enormes e com plantas da Superbotânica –, dos espelhos e das prateleiras em madeira de Tomaz Viana, ou de várias peças da Further Ther, como as mesas de cabeceira do quarto principal, o aparador da sala e até o banco para as crianças chegarem à bancada da cozinha.

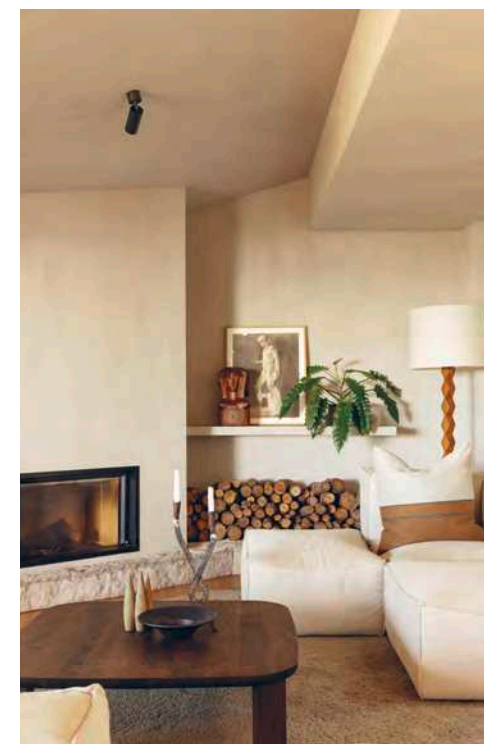
“No meu primeiro projeto em Lisboa ainda usei muito mobiliário escandinavo, ao qual tinha acesso facilitado a partir de Berlim, e por isso até lhe chamo o meu projeto mais infantil. Depois comecei a encontrar fornecedores em Portugal e hoje produzo quase tudo aqui”, conta a designer de interiores. Entre “tanta gente talentosa” a quem adora fazer encomendas, um par de carpinteiros que desenvolve o mobiliário desenhado pelo estúdio – “e que representa cerca de 50% de cada projeto” –, há também marcas portuguesas antigas que já se tornaram parceiras recorrentes, como a Valadares, para as louças de banho, ou a Ferreira de Sá para os tapetes.

Têxteis como cortinas de linho e carpetes de lã nas zonas do sofá e da cama são elementos que, no seu entender, podem transformar mais rapidamente uma casa, a par dos candeeiros de luz baixa. Curiosamente, são esses mesmos têxteis que a fazem puxar da ironia: “Dizem-me que o meu estilo é masculino. Deve ser porque não ponho almofadas às flores”, ri-se. “Gosto de sobriedade e de não me cansar das coisas. Mas há sempre detalhes.”

Hoje em dia a maioria dos seus clientes é internacional (a fama igualmente), não só de casas particulares mas de projetos de hospitalidade, como o bar de vinhos Magnólia, em Lisboa, e o novo hotel The Rebello, no Porto (ver p. 122), para citar apenas os mais recentes. Tem sido assim desde o início, embora esse início nem tenha sido planeado.



VÁRIAS PEÇAS FORAM FEITAS POR ENCOMENDA, COMO O ESPELHO E A PRATELEIRA DE TOMAZ VIANA. A LAREIRA FOI REDESENHADA PARA PASSAR A ESTAR INCLINADA.





OS AZULEJOS EM TERRACOTA DA COZINHA E DAS CASAS DE BANHO FORAM FEITOS À MÃO EM MARROCOS. O MÓVEL DA CASA DE BANHO DAS CRIANÇAS FOI DESENHADO PELO QUIET STUDIOS.



“Estudei moda em Madrid, mais por nostalgia de uma época que já não existia, da alta-costura, e acabei por ir para Berlim porque estava interessada no tema da sustentabilidade na indústria”, conta Daniela. Foi na capital alemã que se especializou “na parte mais social, do comércio justo”, e que começou a estar envolvida em projetos no Nepal, no Equador e em Marrocos. “Adorava a parte do artesanato, de viajar, e comecei a colecionar objetos, que acho que de certa maneira contam a história da Humanidade”, diz.

Alguns amigos começaram a pedir-lhe para comprar peças para diferentes projetos, incluindo para um restaurante em Londres, onde acabou a definir quase tudo. “Estava obcecada com os detalhes, a composição das coisas na mesa, a psicologia do espaço”, recorda. “Queria que todas as mesas fossem diferentes, e lembro-me de que vim de Berlim carregada de malas com candelabros”, ri-se. “Naquela época, Berlim era uma cidade pobre e, portanto, muito criativa. Tudo se reciclava e reutilizava, e os restaurantes pareciam casas, com sofás e cadeiras todas diferentes”, continua. Na capital alemã, e depois da experiência com o restaurante londrino, começou a fazer projetos de Airbnb para investidores. “Eram casas *low cost*, mas eu não conseguia ir simplesmente à Ikea, por isso estava sempre à procura de objetos diferentes e comecei a demolir as minhas primeiras paredes, a trabalhar com empreiteiros...” Paralelamente, “estudava tudo o que precisava de aprender a fazer, para poder fazê-lo.” Em 2018 foi convidada a vir para Lisboa para desenhar o Vintage Hotel, e acabou por ficar.

Cada projeto corresponde a uma assinatura diferente onde os clientes são sempre envolvidos, sobretudo no caso de projetos residenciais. “Tens de conhecer os rituais diários de uma pessoa para desenhar o espaço à sua volta e dar uma personalidade à casa com a qual ela se identifique”, defende Daniela. “Nesta cozinha há uma *breakfast station* camuflada dentro dos armários, porque o pequeno-almoço é algo essencial para esta família.” Um ótimo exemplo para ilustrar um dos seus grandes lemas: “Desenhar casas para os dias de hoje, de preferência com a tecnologia escondida.”

QUIETSTUDIOS.COM

NO ESCRITÓRIO, A SECRETÁRIA DA MARCA PORTUGUESA AYLE É ENQUADRADA POR UMA TAPEÇARIA NANIMARQUINA. A CADEIRA É &TRADITION E O CANDEEIRO DA BARRACUDA.

